

'PIB terá crescimento menor diante da insegurança do setor privado'

A incerteza dos empresários privados quanto aos rumos da economia, dificultando seu planejamento para 87, é um dos obstáculos apontados por César Maia para o crescimento do Produto Interno Bruto no próximo ano. "Ao mesmo tempo em que se evita estocar, existe a incerteza até mesmo quanto à possibilidade de se conseguir matéria-prima no mês seguinte. Por outro lado, os empresários não podem recorrer aos bancos com as taxas de juros nos patamares de hoje".

"O crescimento da economia brasileira no ano que vem não poderá ser muito significativo, principalmente porque o setor industrial não terá condições de apresentar a mesma ta-

xa de expansão verificada em 86. A ocupação da capacidade ociosa foi grande, neste ano, e isto não pode ser repetido", afirma José Luiz de Carvalho. Com essa limitação, ele estima que a indústria brasileira só consiga alcançar uma taxa de expansão, em 87, corresponde a cerca da metade atingida ao final deste ano.

Um ambiente de semi-recessão é traçado por Carlos Alberto Cosenza, com um fraco crescimento da economia, pressionada pelo surto inflacionário e por uma disparada nas taxas de juros. Este panorama sombrio, segundo ele, seria acompanhado por um desemprego em massa, "que desalojaria do mercado de trabalho milhões de pessoas, aumentando os

problemas sociais já vividos pelo nosso País", completou.

As projeções da Macrométrica para o crescimento da economia brasileira também indicam uma desaceleração significativa, se comparadas com as previsões para 86. No ano que vem, um desempenho mais razoável do PIB está na dependência de bons resultados no setor agrícola, segundo Elena Landau. Entretanto, ela afirma que o processo de realinhamento de preços, já iniciado pelo Governo, vai obrigar a realização de novas previsões, ainda que impliquem em alterações pequenas nas estimativas anteriores.

Um quadro com diminuição da formação de poupança, descontrole do

setor público e negociação da dívida externa é traçado por Cláudio Contador para alinhar as restrições ao crescimento da economia ano que vem. Ele também concorda com outros economistas de que a indústria vai apresentar uma grande desaceleração em 87, e que os resultados mais favoráveis dentro do PIB ainda seriam alcançados pela agricultura.

Os economistas ouvidos por O GLOBO também apontam, unanimemente, a importância da negociação da dívida externa para os rumos da economia brasileira em 87. Apesar do otimismo, Silvando Cardoso acha que se o superávit comercial chegar aos US\$ 10 bilhões ano que vem, haverá uma sucessão de conflitos gera-

dos pelo desemprego e arrocho salarial, o que provocará uma grave crise política. Além da necessidade de se reduzir a transferência de recursos para o exterior, o Governo deve facilitar a entrada de capital estrangeiro, sob a forma de investimento de risco ou empréstimos.

A manutenção de elevados superávits comerciais também é prevista por Elena Landau, citando as projeções da Macrométrica e enfatizando que "vai ser preciso voltar a exportar". Mas Carlos Alberto Cosenza diz que o Brasil não conseguirá superávits comerciais suficientes para o pagamento do serviço da dívida, e terá de partir para uma negociação mais vantajosa, diminuindo a parcela de

pagamento de juros.

O campo de batalha de 87 estará no setor externo e no balanço de pagamentos, com a queda de reservas e redução no superávit, diz Carlos Von Doellinger. As exportações do ano que vem já estão definidas, e os indicadores têm demonstrado que o nível destes contratos baixou significativamente em relação a 86. "E, o que é pior", concluiu, "este quadro é irreversível", explicando que o superávit somente deverá ficar entre US\$ 6 e 8 bilhões (Cz\$ 88,29 e 117,72 bilhões), "se houver um rigoroso controle das importações".

Fotos de Jorge William, Robson de Freitas e Paulo Moreira